

# Me ouve!

## Rosângela Gaze

[Médica sanitária. Professora do Instituto de Estudos de Saúde Coletiva/UFRJ]

- # Não aguentava mais cortar/limpar/embalar ossos e carnes na cegante e gélida esteira e virei fruteiro #
- # Desisti da construção civil quando vi meu amigo morrer ao despencar do andaime e tornei-me empalhador nas ruas #
- # Estraguei meu ombro carregando latas e mais latas de tinta para ser demitido e virar churrasqueiro de esquina #
- # No 'trampo', o mastro do trampolim das bailarinas atravessou minha barriga e virei artesão de brinquedos de latinhas #
- # Parei de estudar aos oito-dez anos para trabalhar #
- # Não estudei para pegar no 'trampo' #
- # Estudei para bater metas do produtivismo científico alienante #
- # Fugi da seca e da falta de trabalho para ser camelô e mandar trocados pros filhos e mulher que deixei #
- # Na rota de fugas de serviço em serviço, o trabalho perdeu o sentido e me aposentei #
- # Aguentei patrão me bolinar e patroa me humilhar até o "Avon chama" capturar minhas economias e meu tempo #
- # Não aguentava mais... Tudo o que queria era ser escutado! #

(Frases ditas no Brasil)

### "Se você não falar comigo, eu vou atear fogo no corpo!"

Esta frase foi repetida em tons de voz crescentes por Mohamed Bouazizi na manhã de 17 de dezembro de 2010 à frente da sede da prefeitura de Sidi Bouzid, cidade de pouco mais de 30 mil habitantes, capital da Província de Sidi Bouzid na Tunísia. Não sendo ouvido pelo 'prefeito', comprou gasolina e riscou um fósforo no meio do trânsito após gritar "Como vocês esperam que eu faça dinheiro para viver?!?" O desespero levou Bouazizi à auto-imolação e catalisou a revolução conhecida como Primavera Árabe: levantes sociais em cascata contra o fundamentalismo religioso, pobreza, desemprego, falta de liberdade de expressão dos governos autoritários da Tunísia e de diversos países do Norte da África e do Oriente Médio, como Bahrein, Egito, Líbia, Iêmen e Síria. Bouazizi's, Samira's, Hannah's - no levante árabe - José's, Maria's, Chico's, João's, Clara's - nas anônimas falas brasileiras - denunciam a opressão, a extorsão, desejam ser ouvidos em seus desesperados apelos. Há diferença entre o trabalhador que incendeia o próprio corpo e o que desiste de seu emprego, trabalho ou arte, aposentando-se ou trocando-o por outro 'talvez' menos penoso ou arriscado? A diferença estaria na característica da morte? Biológica? Social? Afetiva? A semelhança entre esses trabalhadores é que, qualquer que seja a morte, suas legítimas reivindicações são desrespeitadas. Nenhum trabalhador deseja se transformar em tocha humana nem perder a honra, sem ou pelo trabalho. Cabe, então, perguntar: O que levou Mohamed e muitos trabalhadores brasileiros a rumarem para atos extremos? Mohamed Bouazizi (Baabouza para os íntimos) vinha de família pobre na área rural da Tunísia. Seu pai, operário da construção civil na Líbia, morreu, deixando mulher, sete filhos (Mohamed aos 3 anos) e um pedaço de terra insuficiente à subsistência. O padrasto (a mãe casou-se com um irmão do marido) era doente e pouco trabalhava, tomou empréstimo para investir na terra, não conseguindo pagá-lo, perdendo-a para o banco. Aos 10 anos, Baabouza, simpático e amigável, tornou-se vendedor de rua, conseguindo cerca de 240 dólares mensais [RS 1250,00 no câmbio atual], o grosso da renda familiar. Muito pouco, mas o pior era perder parte deste ganho pela extorsão dos fiscais corruptos.

continua

Naquela manhã de 2010, foi trabalhar bem disposto, até que três fiscais lhe exigiram propina para não tomar suas frutas/legumes/verduras. Não tinha o dinheiro e os servidores públicos o humilharam e apreenderam tudo. O sangue fervia e Mohamed, de 26 aos, cansou de estancá-lo. Gritou, suas veias estufaram, sua resistência esvaiu-se... ofereceu ao chefe do governo local - que protege corruptos, explora a miséria e considera louco um trabalhador lutando por seus direitos - o espetáculo de um homem ardendo em chamas por querer trabalhar e "fazer dinheiro para viver"!

Sua auto-imolação comoveu a mídia internacional dando visibilidade ao drama do trabalhador. O então presidente da Tunísia, no poder há 24 anos, General Ben Ali, em resposta hipócrita, visitou Baabouza no hospital em 31/12/2010 e prometeu transferi-lo a Paris mas o verdureiro morreu dias depois sendo velado por mais de 5 mil pessoas em procissão até sua casa. Os protestos em diversas cidades da Tunísia se acirraram e Ben Ali, acuado pelas massas, saiu do país em 14/01/2011, só conseguindo refúgio sob condição de renúncia na Arábia Saudita. Pela mobilização popular, regimes autoritários foram derrubados em diversos países durante a Primavera Árabe. Mas, no aniversário de uma década em 17/12/2020, a frustração é sentida no interior da Tunísia, "diante da morosidade da economia, da taxa de desemprego de 16% e da perda de confiança na classe política, o país parece estar à beira de uma explosão social..." (veja)

Falta muito a conquistar sob o *slogan* da Primavera Árabe - "trabalho, pão, liberdade e dignidade" – na Tunísia e nos países árabes. O singelo monumento ao digno Verdureiro Mohamed Bouazazi simboliza o desejo do povo tunisiano.

A inscrição "O povo quer" e o monumento selam desejo e reconhecimento. Desejo e reconhecimento são conquistas cujo sentido se realiza pelo movimento contínuo de luta de cada tunisiano, brasileiro, cidadão de cada esquina em todo o mundo clamando pela posse de sua força no ato de trabalhar (Grienz, 18/02/19). Vidas de trabalhadores importam!

"O povo quer"



Monumento a Bouazazi: "[O povo quer](#)" | Foto de Reuters

## Está faltando Primavera no Brasil



*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*